

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

VANESSA FERNANDES DA SILVA

***Amanhã não vai ter nada amada: as letras de músicas enquanto
representações das vivências na pandemia da COVID-19***

São Paulo

2022

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

***Amanhã não vai ter nada amada: as letras de músicas enquanto
representações das vivências na pandemia da COVID-19***

Vanessa Fernandes da Silva

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Especialista em Gestão de Projetos Culturais
e Eventos.

Orientadora: Profa. Dra. Neide Tomiko Takahashi

São Paulo

2022

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Marieta Fernandes e Luiz Neto pelo imenso afeto, o acolhimento, a compreensão, a torcida, o apoio e por todo o suporte necessário para que eu possa seguir minha trajetória acadêmica.

À Profa. Dra. Neide Takahashi pela orientação, pelas aulas, os esclarecimentos, a disponibilidade e por transmitir calma e segurança.

À minha amiga Jéssica Ramalho pelo carinho, pela disposição em ajudar e pelo auxílio com as traduções.

Ao CELACC por proporcionar uma boa experiência acadêmica e por trazer novas perspectivas acerca da cultura e do desenvolvimento de projetos culturais.

À Música Brasileira e aos artistas que a compõem, pela companhia diária e por motivar o desenvolvimento deste artigo. Em especial ao Chico César, referência norteadora, que com sua música “Nada” trouxe mais calma e poesia para a quarentena e inspiração para o tema do trabalho.

AMANHÃ NÃO VAI TER NADA AMADA: AS LETRAS DE MÚSICAS ENQUANTO REPRESENTAÇÕES DAS VIVÊNCIAS NA PANDEMIA DA COVID-19¹

Vanessa Fernandes da Silva²

Resumo: A música é importante, por nos conceder diferentes experiências e possibilidades, uma delas é sua relação com a pandemia da COVID-19. Propomos investigar as letras que foram compostas durante e sobre a pandemia a fim de compreender as letras enquanto representações do que foi, o que se passou e o que se sentiu na vivência desse longo período e consequentemente como registro de memórias. Para tal, analisamos o conteúdo de 15 letras da Música Popular Brasileira (MPB) entre os anos de 2020 e 2021, promovendo uma interação entre música, representação e memória coletiva.

Palavras-chave: Pandemia COVID-19. Música. Representações. Memória.

Abstract: Music is important, as it gives us different experiences and possibilities, one of which is its relation to the COVID-19 pandemic. We propose to investigate the lyrics composed during and about the pandemic in order to understand the lyrics as representations of what it was, what happened, and what ones felt during the experience of this long period and consequently as a record of memories. Therefore, we analyzed the content of 15 lyrics songs from Música Popular Brasileira (MPB) between the years 2020 and 2021, promoting interaction between music, representation, and collective memory.

Keywords: COVID-19 pandemic. Music. Representations. Memory.

Resumen: La música es importante, por darnos diferentes experiencias y posibilidades, una de ellas es su relación con la pandemia de COVID-19. Proponemos investigar las letras que fueron compuestas durante y sobre la pandemia, a fin de comprender las letras como representaciones de lo que fue, lo que pasó y lo que se sintió en la vivencia de este largo rato y consecuentemente como registros de memoria. Para tal, analizamos el contenido de 15 letras de Música Popular Brasileira (MPB) entre los años 2020 y 2021, promoviendo una interacción entre música, representación y memoria colectiva.

Palabras clave: Pandemia COVID-19. Música. Representaciones. Memoria.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais e Eventos.

² Pós-graduada em Gestão de Projetos Culturais e Eventos.

1. INTRODUÇÃO

O ano de 2020 foi marcado e será lembrado no Brasil como o início da pandemia do novo Coronavírus, uma tragédia sem precedentes que além de trazer um número impressionante de mortes pelo vírus, impactou toda a vida humana do planeta. De forma assustadora, o vírus foi se espalhando e ainda não se sabia como lidar com esta ameaça; assim, as primeiras medidas tomadas e indicadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) foram a de preservar as vidas e evitar o aumento do contágio através de medidas de restrição e isolamento social.

A pandemia ainda em curso instaurou uma crise sanitária que impactou em todos os aspectos da sociedade, social, econômica e cultural. Sendo assim, ao abordar a pandemia, estamos falando não apenas de questões relacionadas à saúde pública, mas também de outras crises que já estávamos atravessando, que nesse contexto acirraram-se ainda mais.

Embora consideremos todos os aspectos importantes para a compreensão da pandemia, optamos por debruçar a relação da pandemia com a cultura, em especial um dos elementos que a compõem, a música. O presente artigo visa refletir sobre a pandemia da Covid-19 a partir da análise de composições que foram feitas durante e sobre a pandemia e entender tais letras como forma de representação desse período.

Nesse sentido, levantou-se o seguinte questionamento: ao transmitir sentimentos, percepções e informações sobre a pandemia da Covid-19, as letras de música podem ser compreendidas como representações culturais deste período? Com isso, investigar a música para além de sua relação com o consumo e sim como um objeto potencialmente capaz de criar representações sobre um período histórico e produzir informações, simbolismos e, consequentemente, memórias.

Ao verificarmos que a música pode desempenhar diferentes funções, observamos as letras como potenciais formas de narrar os acontecimentos durante a pandemia da COVID-19 e, nesse sentido, serem consideradas como uma forma de representação desse período. Além disso, ao analisarmos canções, estamos diante de registro de memórias.

Utilizamos-nos de 15 amostras de letras da chamada Música Popular Brasileira (MPB) compostas entre os anos de 2020 e 2021 e que apresentam como tema a pandemia da COVID-19. Cabe destacar que há duas exceções em relação aos anos de composição, *A cura* de Lulu Santos e *Paciência* de Lenine e Dudu Falcão, compostas em 1988 e 1999 respectivamente. Utilizamos tais letras para análise, pois ambas ganharam novas versões e também carregam, em seus conteúdos, ideias e sentimentos que se renovaram durante a pandemia. Assim, através da resignificação, é possível compreendê-las dentro do novo contexto.

As letras retratam o percurso da pandemia, seu início e suas percepções até o momento sem compreender a magnitude do problema, passando pelo cansaço de ainda se estar inserido dentro da situação e sem perspectiva de melhora, sobretudo porque, no começo, não se tinha ideia de que a pandemia iria perdurar por um longo tempo.

A partir da criação das vacinas e da vacinação, outros aspectos são evidenciados, como a esperança de alguma forma pode projetar um fim para a pandemia. Assim, as letras são capazes de criar representações que nos ajudam a compreender o ciclo da pandemia que ainda segue em curso.

Para tal investigação, contamos com o levantamento bibliográfico em torno de alguns conceitos de cultura, representação, música e memória, a partir de materiais como livros, textos e artigos e a seleção e análise dos conteúdos das letras das músicas para verificar a percepção dos artistas e compositores sobre a pandemia.

2. EM TEMPOS DE PANDEMIA

No final do ano de 2019, o mundo foi surpreendido com a notícia de que um vírus havia surgido em Wuhan na China e não tardou para que o vírus se espalhasse para outros países, o que fez a Organização Mundial da Saúde (OMS) em meados de março de 2020 considerar uma pandemia em escala mundial.

Conforme informado pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) no dia 11 de março de 2020 o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom, anunciou que a doença provocada pelo novo coronavírus se caracterizava como uma pandemia, levando em consideração a quantidade de casos e mortes em inúmeros países e com a tendência de aumento expressivo. (OPAS, 2020). Por ser um vírus desconhecido, uma das primeiras medidas adotadas para o enfrentamento da pandemia foi o isolamento social, para que a contaminação fosse freada.

A característica da doença, por si só, já torna difícil qualquer prognóstico, uma vez que o vírus Sars CoV-2 se espalha rapidamente pelas cidades e regiões e apresenta um período de manifestação com retardo, que explode a partir de um dado momento, tornando a tarefa das autoridades de saúde muito difícil (LOLE, et al., 2020).

Nesse contexto, países fizeram *lockdown*, o uso de máscaras e álcool em gel para higienização das mãos também se fizeram medidas importantes. A COVID-19 fez inúmeras vítimas pelo mundo e impactou a vida de todo o planeta em diversos aspectos, não apenas na questão de saúde, mas as estruturas sociais, econômicas, ambientais e culturais também sofrem diariamente com a pandemia.

Pensando nos aspectos que não estão diretamente relacionados com o vírus, podemos refletir a pandemia em outros aspectos, como por exemplo, a cultura. O setor cultural foi um dos mais e imediatamente impactados, uma vez que há necessidade de público, de profissionais envolvidos, para que se possa ter apresentações, exposições, shows, entre outros, ou seja, o oposto das recomendações que indicam a não aglomeração.

Trazendo a discussão para o Brasil, em “A Arte e a Cultura em Tempos de Pandemia: Os vários vírus que nos assolam”, Lia Calabre (2020) aponta que a pandemia afetou o setor cultural, agravando uma situação que já era crítica a partir da desvalorização da cultura como um todo, em especial por parte Governo Federal. A autora também evidencia a importância das artes e das culturas para o atravessamento da crise sanitária e por nos propiciar momentos de reflexão, descanso, divertimento e lazer.

[...] em meio à proibição das aglomerações, com a imposição do isolamento social –, a música, o teatro, a literatura, a arte em geral, foram saudadas como canais de escape fundamentais da solidão, como alimento da alma, como alento e esperança de tempos e vidas sãs. Seja através de suportes já consagrados, como os livros impressos, os CD de música, seja através da internet em um volume muito maior, ou ainda nas janelas e varandas das casas, por todo mundo, temos assistido à ampliação do consumo de produtos culturais, da valorização da cultura e do uso do tempo diário com atividades de arte e cultura (CALABRE, 2020, p. 11).

A pandemia forçou a criação de novas plataformas, novos meios de se comunicar e entreter, peças teatrais são realizadas de maneira virtual, oficinas, debates e uma das inovações mais realizadas são as *lives* dos artistas da música que improvisam um palco dentro de suas casas ou em espaços culturais vazios, sozinhos ou acompanhados com o menor número de pessoas possível, menos recursos e equipamentos proporcionando um *show* mais intimista.

Para além das apresentações, muitas músicas também foram lançadas nas plataformas digitais, regravações, músicas novas, novos artistas, diferentes gêneros, para os diversos gostos, além disso, através das plataformas e das interações virtuais, os artistas podem seguir trabalhando e seus admiradores os acompanhando enquanto não é possível a aglomeração total dos shows. Com o avanço das vacinas e com cada vez mais pessoas vacinadas, já tem sido possível retomar minimamente com as apresentações, com número reduzido de público.

A música pode ser compreendida como um elemento capaz de exercer diferentes funções, promovendo reflexões, sentimentos, pensamentos, divertimento e entretenimento. Assim, podemos a partir das letras de música selecionadas entre o ano de 2020 e 2021, identificar aspectos referentes a pandemia da COVID-19, as vivências desse período, as diferentes formas de enfrentamento da situação, questões sociais, políticas e culturais.

3. EU TÔ AQUI VENDENDO OUTRA LIVE SEM QUERER: A MÚSICA ENQUANTO REPRESENTAÇÃO E REGISTRO DE MEMÓRIA

A música desempenha uma participação em diversos aspectos, que vão além do consumo, principalmente se compreendida como um dos elementos pertencentes à cultura. Para Stuart Hall (2016) o conceito de cultura é amplo e pode ser representado a partir de obras como a literatura, a arte e a música que, segundo o autor, é uma visão que engloba as ideias e o que se tem de melhor dentro de uma sociedade.

Pertencente a um mesmo quadro de referência, mas com um sentido mais moderno, é o uso do termo "cultura" para se referir às formas amplamente distribuídas de música popular, publicações, arte, design e literatura, ou atividades de lazer e entretenimento, que compõem o cotidiano da maioria das "pessoas comuns" (HALL, 2016, p. 19).

De acordo com Moraes (1983)

É por isso que se pode perceber a música não apenas naquilo que eu habito convencionar ou chamar de música, mas - e sobretudo - onde existe a mão do ser humano, a invenção. Invenção de linguagens: formas de ver, transfigurar e transformar o mundo (MORAES, 1983, p. 08).

Ao observarmos a realidade em que estamos inseridos, podemos perceber a presença da música em diversos aspectos de nossas vidas e, também, em diferentes meios de acesso, TVs e internet, por exemplo. Ao pensarmos sobre tal presença, podemos ainda refletir sobre algumas de suas funções, uma vez que a música de uma forma geral não apenas desperta sentimentos e sensações, mas também desempenham outros papéis.

Pensando na perspectiva das inúmeras possibilidades que a música pode proporcionar, Nogueira (2003, p.01) afirma que "A presença da música na vida dos seres humanos é incontestável. Ela tem acompanhado a história da humanidade ao longo dos tempos, exercendo as mais diferentes funções".

Sob o aspecto das funções da música, o sociólogo Allan Merriam (1964) apresenta em seu livro "The Anthropology of Music" dez funções da música, sendo uma delas a função de "comunicação" (p. 223). Como o próprio nome revela, tem a funcionalidade de "comunicar algo", assim a música pode carregar e transmitir ideias, referências, informações, crenças e emoções.

Uma outra função apontada por Merriam (1964, p. 223) é a "função de divertimento, entretenimento", que podemos relacioná-la com nosso dia-a-dia e com o esforço de proporcionar algum lazer e "respiro" durante a quarentena. As *lives*, por exemplo, se

popularizaram, diversos lançamentos em plataformas digitais, apresentações e interação com os artistas pelas redes sociais, trazendo assim, novas formas de acessar e consumir música.

Merriam (1964, p. 223) nos apresenta ainda a “função de representação simbólica”, assim, podemos compreender a música, as letras como uma forma de representar uma ideia, um comportamento, expressões de uma cultura, características culturais de um lugar, a música “[...] pode cumprir essa função por suas letras, por emoções que sugere ou pela fusão dos vários elementos que a compõem” (1964, p. 223, tradução nossa).

A partir das definições de Nogueira (2003), Merriam (1964) e Moraes (1983) é possível promover uma interação com letras de música compostas no período da pandemia e que têm como tema situações, acontecimentos e sentimentos que retratam essa vivência.

Desse modo, as letras podem ser interpretadas pelo prisma da representação, de acordo com Hall (2016) representação significa uma conexão do sentido e da linguagem com a cultura. Assim, pode-se expressar algo sobre o mundo e representá-lo a outras pessoas. “Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos” (HALL, 2016, p.31).

O autor afirma que “resumidamente, representação diz respeito à produção de sentido pela linguagem” (HALL, 2016, p.32), assim, a partir de uma descrição e ao retratar algo, o objeto representado ganha sentido e significado.

[...] É assim que você “toma sentido” das pessoas, dos objetos, dos acontecimentos, e é desta maneira que você é capaz de expressar um pensamento complexo sobre as coisas para outras pessoas, ou de comunicar a respeito delas pela linguagem de modo que os outros seres humanos são capazes de entender (HALL, 2016, p. 34).

De acordo com Saussure (2006, p.16) “A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro”. Ao refletirmos sobre a perspectiva da linguagem, podemos nos remeter novamente a Hall (2016) que também aponta que a linguagem acontece através da troca entre os sujeitos, em suas palavras

Assim como as pessoas que pertencem à mesma cultura compartilham um mapa conceitual relativamente parecido, elas também devem compartilhar uma maneira semelhante de interpretar os signos de uma linguagem, pois só assim os sentidos serão efetivamente intercambiados entre os sujeitos (HALL, 2016, p. 38).

Através da linguagem o ser humano pode expressar suas vivências, por exemplo, assim, as letras da música podem desempenhar uma função de representação do período da pandemia da Covid-19, dessa forma, não apenas se expressa, mas também comunica aos outros; levando em consideração que cada letra é composta através da percepção de quem a escreveu, a partir

de seus interesses, de aspectos de suas preferências e escolhas e de elementos que fazem parte do contexto em que ele vive.

Pesavento (2006, p. 49) expõe que “Ação humana de re-apresentar o mundo – pela linguagem e pela forma, e também pela encenação do gesto ou pelo som –, a representação dá a ver e remete uma ausência. É, em síntese, *estar no lugar de*”. Pesavento (2005, p. 39) afirma que:

[...] as representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar desde mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade.

A autora Pesavento (2006) apresenta ainda outros aspectos relacionados às representações, sendo um deles o “imaginário” criado coletivamente e socialmente pelas representações de ideias, imagens, sendo uma forma de compreender o mundo em que vivemos, tais representações são legitimadas pela sociedade, uma vez que são aceitas e reproduzidas.

[...] O imaginário existe em função do real que o produz e do social que o legitima, existe para confirmar, negar, transfigurar ou ultrapassar a realidade. O imaginário compõe-se de representações do mundo vivido, do visível e do experimentado, mas também sobre os sonhos, desejos e medos de cada época, sobre o não tangível nem visível, mas que passa a existir e ter força de real para aqueles que o vivenciam (PESAVENTO, 2006, p. 50).

Nesse sentido, o imaginário nos aponta aspectos e elementos que fazem parte da nossa vida, através dele podemos nos sentir pertencentes a uma identidade, a um lugar, a um grupo, pois, a medida em que vai se reproduzindo cada vez mais ganha sentido. A partir do imaginário podemos ter contato com o passado, o presente e, também, projetar o futuro, tal como afirma Baczko:

É por meio do imaginário que se podem atingir as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades esboçam suas identidades e objetivos, detectam seus inimigos e, ainda, organizam seu passado, presente e futuro. O imaginário social expressa-se por ideologias e utopias, e também por símbolos, alegorias, rituais e mitos. Tais elementos plasmam visões de mundo e modelam condutas e estilos de vida, em movimentos contínuos ou descontínuos de preservação da ordem vigente ou de introdução de mudanças (BACZKO, 1985, p.311).

Para Maffesoli (2001) o imaginário carrega uma "aura" que ultrapassa o indivíduo e promove uma ligação coletiva, assim, o imaginário não é visto como individual e sim, como algo que se compartilha com um grupo, uma comunidade. “O imaginário é o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado nação, de uma comunidade, etc. O imaginário estabelece

vínculo. É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual” (MAFFESOLI, 2001, p. 76).

Ao fazer uma abordagem sobre cultura, representação e imaginário, a memória se faz importante para o que se pretende em relação às letras das músicas, nesse caso, compreendê-la como uma forma de expressar uma vivência. “[...] a memória também recupera, pela evocação, imagens do vivido” (PESAVENTO, 2006, p. 51).

As letras podem ser uma forma de registro de memórias, ao qual podemos acessá-las para rememorar o que se passou e para que outras gerações também possam ter conhecimento do que ocorreu no país e no mundo, “a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro” (LE GOFF, 1990, p. 477).

Sobre o aspecto da memória temos ainda o que aponta Pollak (1992) “memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade de coerência de uma pessoa, de um grupo em sua reconstrução de si” (POLAK, 1992, p.204).

Cada pessoa tem sua forma de vivenciar algo e lembrar e, ao pensarmos na pandemia da COVID-19, estamos também compartilhando um mesmo período; assim, as lembranças que desenvolvemos são corroboradas com as lembranças de outras pessoas, tal como é exposto no pensamento de Halbwachs:

[...] se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (HALBWACHS, 1990, p. 25)

Ao interpretar as letras selecionadas, podemos relacionar a memória e as lembranças com passado, presente e futuro. Segundo Bergson (1999, p.179), “é do presente que parte o apelo aos qual a lembrança responde”, assim, ao pensarmos nestes registros musicais como algo a ser lembrado e não no sentido de revivê-lo, mas como aprendizado e uma forma de criar um futuro distinto a partir de elementos construídos em tempos diferentes.

De acordo com Bosi,

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado ‘tal como foi’, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto das representações que povoam nossa consciência atual (BOSI, 1994, p. 55).

Podemos ainda, dentro do contexto da pandemia, pensar no que é chamado de “*Zeitgeist*” um termo alemão “que une a palavra Zeit (tempo, época, curso de eventos) com

Geist (o espírito, a essência, a alma). Esta união de palavras pressupõe que uma época histórica possui uma alma, uma essência própria e única que é fruto da conjuntura daquele momento” (ARAÚJO, 2015, p. 16). Assim, pensando nas letras que abordam a pandemia da COVID-19 podemos propor uma interação com o referido termo, pois as letras compartilham intelectualmente e sentimentalmente um momento histórico.

Ao refletirmos sobre a música durante a pandemia, as *lives* podem ser consideradas uma das principais responsáveis para que o atravessamento da pandemia tivesse alguns momentos de descanso, de “respiro” e entretenimento. Além disso, a música e a arte como um todo, também podem ser utilizadas como uma ferramenta para identificar problemas e soluções, fazer críticas, reflexões, transmitir sentimentos, sensações e retratar a vida em uma época, de um período, neste caso, a pandemia da Covid-19.

Um dos motivos que fazem da música algo especial é sua capacidade de transmitir sensações, sentimentos e pensamentos. Muitas vezes não sabemos como expressar o que sentimos, mas não é raro encontrarmos canções que falam por nós, ainda que seus autores não nos conheçam, morem em outros estados, tenham seus gostos, suas crenças. Entretanto, conseguem exprimir o que gostaríamos a ponto de nos sentirmos representados, assim podemos fazer uma interação ao que aponta Bourdieu:

os gostos são o produto desse encontro entre duas histórias, uma no estado objetivado, a outra no estado incorporado, que são objetivamente concordantes. Daí, sem dúvida uma das dimensões do milagre do encontro da obra de arte: descobrir o que se quer (“é exatamente o que eu queria”), o que se tinha a dizer e que não se sabia dizer, e que, por conseguinte, não se sabia (BOURDIEU, 2003, p.170-171).

Sob o aspecto da utilização das letras recorreremos à afirmação de Napolitano (2002, p. 08), “além de ser veículo para uma boa ideia, a canção (e a música popular como um todo) também ajuda a pensar a sociedade e a história. A música não é apenas ‘boa para ouvir’, mas também é boa para pensar”. Seguindo esse pressuposto, ao pensar nas letras das músicas sobre a vivência da pandemia do novo Coronavírus, estamos diante de uma das formas possíveis de propagar tal experiência.

4. PROCEDIMENTOS E ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica a fim de contemplar os aspectos envolvidos na configuração do tema em estudo. Inicialmente, houve a pesquisa por letras de músicas que tivessem como tema a pandemia da Covid-19, com as experiências, os sentimentos, as

vivências, a fim de compreender as percepções e as diversas formas em que tal período foi representado por vários artistas da MPB.

Galvão (1999, p.1) nos lembra que para se originar uma “pesquisa científica inovadora, diferenciada do que foi até então produzido, “é preciso se valer de um prévio levantamento bibliográfico e de qualidade. Nesse ponto, o levantamento bibliográfico se pautou, ainda, em torno de alguns conceitos de cultura, música e memória, a partir de materiais como livros, textos e artigos. Fez-se necessário, também, um levantamento de matérias e reportagens sobre a pandemia para que se pudesse contribuir para a contextualização e dialogar com as letras.

As letras analisadas foram as seguintes: *Nada* (Chico César, 2020); *Inumeráveis* (Braúlio Bessa/ Chico César, 2020); *Sob Pressão* (Chico Buarque, 2020); *Ninguém na rua, O que temos e 2 de junho* (Adriana Calcanhotto, 2020); *Novo normal* interpretada por Mart'nália (2021); *Espera a primavera* (Nando Reis, 2021); *Pelespírito e Onde é que isso vai dar?* (Zélia Duncan/Juliano Holanda); *Saudade* (Alceu Valença, 2021); *Esse amor chegou* (Roberta Sá/João Cavalcanti); *Respira* (Chico César/Zeca Baleiro); *A cura* (Lulu Santos, 1988) e *Paciência* (Lenine/Dudu Falcão, 1999). As letras se encontram no ANEXO 1.

5. TÔ EM CASA, TÔ NA CAUSA, TÔ SEM NADA, LONGE DE TUDO: ANÁLISE DAS LETRAS SOBRE A PANDEMIA DA COVID-19

Com o intuito de exemplificar e contextualizar as análises, temos inicialmente a canção *Nada* do compositor e cantor Chico César (2020). *Amanhã não vai ter nada amada*, essa frase isolada da canção pode causar uma primeira impressão negativa e pessimista de um futuro ainda mais incerto e que pode até mesmo não existir.

Ao discorrer sobre a letra observamos um reflexo do que o Brasil e o mundo vêm passando em detrimento da pandemia da COVID-19, sob o viés de alguém que vive este momento e relata sua impressão, mas também nos informa e até consola. Retomando a letra temos, na primeira estrofe, *Amanhã não vai ter nada amada/Fique em casa e tome sol/Se tiver casa e sol/Que tal dance nua no quintal/Ponha a alma no varal/Guarde o verão em si*.

Podemos observar o apelo para que fiquemos em casa, já que uma das principais formas de impedir a proliferação do contágio é o distanciamento social. A canção segue como uma espécie de sugestões para se fazer dentro de casa, como tomar sol e dançar, mas sem esquecer a reflexão de que nem todas as pessoas possuem moradia, mesmo sendo um direito básico e, por causa da crise sanitária, houve um grande aumento de pessoas em situação de rua, muitos perderam seus empregos e por consequência suas casas.

Entre as pessoas sem moradia estão desempregados e trabalhadores informais, como guardadores de carros e vendedores ambulantes. Além de atualizar dados sobre esse grupo social, duas pesquisas recém-concluídas pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) alertam: a propagação do novo coronavírus aumenta a vulnerabilidade de quem vive na rua e exige atuação mais intensa do poder público (IPEA, 2020)

Na segunda estrofe, *Amanhã não rola nada ainda/ Fique linda pra você/ Bela como a flor do ipê/ Porque eu nem sei como dizer/ Medo de fazer sofrer/ Te querer longe de mim*. Esse trecho soa como um pedido de paciência, por mais que haja o desejo de sair, socializar e retomar as rotinas, ainda não é possível, é necessário o esforço contínuo em manter o distanciamento e o entendimento da gravidade da situação; assim, o melhor é preservar a si e aos outros.

[...] uma morte evitada a cada 36 segundos no Brasil em decorrência da adoção do distanciamento, mostra uma nítida aceleração da pandemia da Covid-19 no país após novembro de 2020. Na avaliação dos professores, com o início da vacinação contra a doença, agora é hora de encarar as medidas de bloqueio da transmissão de forma ainda mais enfática, tendo em vista que se sabe que há luz no fim do túnel (UNICAMP, 2021)

Retomando a letra, o refrão que se repete duas vezes propõe *Deixa que a saudade derreta/ O asfalto e as antenas de tv/ Deixa que a distância construa/ As pontes de lembrar e esquecer*. O trecho citado nos propicia um momento mais poético e nostálgico, ao falar da saudade podemos pensar em diferentes prismas, saudade dos familiares e amigos, do lazer, das viagens, de trabalhar presencialmente, entre outros. Cabe destacar o verso *lembre o último carnaval*, pois muitas manifestações culturais, religiosas, tradicionais foram adaptadas ou, como o carnaval, adiado.

Se na canção *Nada* de Chico César (2020) a pandemia e em especial a quarentena é retratada com mais leveza e apresenta aspectos menos trágicos, *Inumeráveis* canta as vítimas do vírus. *Se números frios não tocam a gente espero que nomes consigam tocar*, esses são os versos que se transformaram em refrão da música e sintetiza a ideia e o sentimento do poema de Braúlio Bessa (2020), que ganhou melodia e interpretação de Chico César (2020) refletindo sobre a imensa quantidade de vidas perdidas pela COVID-19.

O ponto fundamental de *Inumeráveis* é a de nos lembrar que não são apenas números; são mães, pais, filhos, filhas, amigos, tios, tias, mas que, por sermos diariamente informados sobre as mortes, causa um falso “costume” de que são números que crescem e não pessoas que perderam suas vidas.

André Cavalcante era professor
amigo de todos e pai do Pedrinho
O Bruno Campelo seguiu se caminho

Tornou-se enfermeiro por puro amor
 Já Carlos Antônio, era cobrador
 estava ansioso pra se aposentar
 a Diva Thereza amava tocar
 seu belo piano de forma eloquente
**Se números frios não tocam a gente
 espero que nomes consigam tocar**
 Elaine Cristina, grande paratleta
 fez três faculdades e ganhou medalhas
 Felipe Pedrosa vencida as batalhas
 dirigindo uber em busca da meta
 Gastão Dias Junior, pessoa discreta
 na pediatria escolheu se doar
 Horácia Coutinho e seu dom de cuidar
 de cada amigo e de cada parente... (BESSA; CÉSAR, grifo nosso, 2020)

Nesse sentido, a composição vai discorrendo sobre tais vidas, contando os nomes, as profissões, o que representavam para as pessoas que ficaram sem elas. O poema aqui representado, a partir de alguns versos, tem a capacidade de nos trazer a realidade ao mesmo tempo que, de forma sensível, nos faz pensar não só sobre as pessoas mencionadas no texto, mas também as que conhecemos.

Quando se humanizam os números, o entendimento fica mais claro e sentimos o quão letal pode ser esse vírus e o quão triste é ter que ficar distante dos entes queridos, sem poder acompanhá-los no hospital, sem visitar, sem vê-los, conversar, abraçar e quando não há mais o que ser feito, não poder se despedir e/ou fazer algum tipo de rito.

Diante da pandemia do novo coronavírus, dezenas de famílias se viram obrigadas a passar pelo processo de morte e luto de um ente querido à distância. Sem velórios ou com um número reduzido de pessoas e de tempo, com caixões lacrados, os enterros em tempos de covid-19 exigiram mudanças como participação de parentes via chamada de vídeo, rituais religiosos pela internet ou mesmo cerimônias solitárias (AGÊNCIA BRASIL, 2020).

O poema segue reverberando mesmo após ser lido ou escutado, repercute com a beleza dos versos e da interpretação, o refrão nos lembra que não são “números frios”, nos conscientiza para o cuidado que devemos ter, homenageia não apenas as pessoas citadas na letra, mas a todas as vítimas da COVID-19, proporciona a lembrança carinhosa para aqueles que ficaram e por se tratar de um momento atravessado por todo o mundo, também ecoa na memória coletiva.

Composta por Chico Buarque (2020) a canção *Sob Pressão*, cantada e gravada por Chico Buarque e Gilberto Gil, conta sobre o dia-a-dia nos hospitais, a luta diária dos médicos,

enfermeiros e todos os profissionais da saúde. Evidencia sintomas como a falta de ar, a complexidade de se tratar uma doença que, até aquele momento, não havia vacinas disponíveis. A canção também foi tema de dois episódios especiais sobre a pandemia da série exibida pela Rede Globo com o mesmo nome. Essa série retratou a perspectiva dos profissionais na linha de frente do combate ao vírus, além de prestar uma homenagem e agradecimento aos profissionais envolvidos.

Falta de ar nos gemidos dos ais/ A febre, seus fantasmas, seus terrores/ Sem pressa, passo a passo, mais e mais/ A besta avança pelos corredores/ O médico caminha com cautela/ Estuda as artimanhas do inimigo/ A enfermeira brava vence o medo/ Pouco lhe importa a extensão do perigo (BUARQUE, 2020). A letra faz menção também à parte da sociedade que insiste em desacreditar a ciência, cultuando/ evocando o negacionismo, assim, além da exposição ao vírus, há também a ignorância. Ao contrário desses, a letra reforça a importância da ciência e a coloca como uma fonte de esperança, *Fazemos todos parte desta história/ Mesmo que os tontos blefem com a morte/ Num jogo de verdades e mentiras/ Um jogo duplo de azar e sorte/ A ciência abre as suas asas/ A esperança à frente como um guia.*

A cantora e compositora Adriana Calcanhotto, também no ano de 2020, lançou o álbum “Só”. Nesse trabalho a artista faz reflexões, críticas e apresenta sua visão a respeito da pandemia; as letras giram em torno do contexto pandêmico. A primeira canção do álbum é *Ninguém na Rua*, cujo título por si só já aponta seu significado, refere-se sobre o isolamento social e que os encontros acontecem apenas na imaginação e nas lembranças.

Céu preto inteiro antes da lua
Ninguém na rua, nem mesmo a luz da lua
Eu e você no pensamento
Eu e você no batidão do peito
[...]
Sua beleza passando, passando na cabeça
Como as estrelas passando
Ainda que amanhã
Céu preto inteiro antes das duas
Ninguém na rua, nem mesmo a luz da lua
Eu e você no pensamento
Eu e você no batidão do peito
Eu e você no pensamento
Eu e você na imaginação (CALCANHOTTO, 2020).

A canção *O que temos* tem como o refrão: *Em tempos de quarentena/ Nas sacadas, nos sobrados/ Nós estamos amontoados e sós.* Podemos considerar como uma espécie de síntese da quarentena, cada um em suas casas, distantes de suas vidas “normais” e observando a vida através de suas janelas, *Deixa eu te espiar/ Finge que não vê/ O que temos são janelas.* O nome

da música também traz a percepção da falta de opção, ou seja, a vida dessa forma, com privações e cuidados, é “o que temos”, pois não há como superarmos a pandemia de outra forma.

Ainda sobre o álbum “Só” de Adriana Calcanhotto (2020), na canção *2 de Junho*, a artista faz uma contundente crítica social ao retratar a trágica morte do menino Miguel de 5 anos, trata-se de um acontecimento indiretamente relacionado ao vírus.

Miguel Otávio de Santana, de 5 anos, morreu no dia 2 de junho. Ele caiu do nono andar de um condomínio de luxo, chamado Pter Maurício de Nassau, no bairro de São José, no Centro do Recife. O menino estava sob os cuidados de Sarí Corte Real, ex-patroa de sua mãe e primeira-dama da cidade de Tamandaré. A mãe do garoto, a doméstica Mirtes Renata, tinha saído para passear com a cadela dos patrões (G1, 2020).

A letra narra o que ocorreu no dia 2 de junho de 2020, a mãe de Miguel, empregada doméstica, assim como a maior parte da população não teve a escolha de ficar em casa e teve que continuar trabalhando e se expondo ao vírus.

No país negro e racista
 No coração da América Latina
 Na cidade do Recife
 Terça feira 2 de junho de dois mil e vinte
 Vinte e nove graus Celsius
 Céu claro
 Sai pra trabalhar a empregada
 Mesmo no meio da pandemia
 E por isso ela leva pela mão
 Miguel, cinco anos
 Nome de anjo
 Miguel Otávio
 Primeiro e único
 Trinta e cinco metros de voo
 Do nono andar
 Cinquenta e nove segundos antes de sua mãe voltar
 O destino de Ícaro
 O sangue de preto
 As asas de ar
 O destino de Ícaro
 O sangue de preto
 As asas de ar
 No país negro e racista
 No coração da América Latina (CALCANHOTTO, 2020).

Nessa letra, aborda-se um outro prisma sobre a pandemia, não tratando apenas dos efeitos relacionados à saúde, mas também o quanto a desigualdade social se intensificou nesse momento. “A crise atual tem cor e gênero. É negra e feminina. A Covid-19 aportou no Brasil pelos corpos de maior renda e pele mais clara, retrato da elite de uma sociedade assentada no racismo e profundamente desigual” (OLIVEIRA, 2020).

[...] Uma das primeiras mortes da pandemia no Brasil foi de uma doméstica que pegou coronavírus de sua empregadora que, em março de 2020, havia acabado de voltar da Itália, trazendo consigo a doença. Em junho de 2020, um menino negro de cinco anos caiu do 9º andar de um prédio de luxo em Recife. Ele estava aos cuidados da patroa, enquanto a mãe passeava com os cachorros dela. Esses são apenas dois casos que ilustram uma face da desigualdade social e do acesso à saúde no contexto atual (ARCO, 2021).

A maior parte da população não tem escolha e, aos que não perderem seus empregos, seguem a vida como se nada estivesse acontecendo, seguem se aglomerando nos transportes públicos, saindo de casa diariamente, expondo a si e sua família ao vírus e sobrevivendo com ainda mais dificuldades.

Esse aspecto é refletido na letra *Sai pra trabalhar a empregada/ Mesmo no meio da pandemia*. Foi o caso da mãe de Miguel que não foi liberada por seus empregadores, precisou levar seu filho para o trabalho e, enquanto levava os animais de estimação de seus patrões para passear, seu filho caía do nono andar do prédio. Assim, a letra traz mais uma realidade da pandemia, a de reforçar os privilégios da classe social abastada em detrimento dos mais pobres.

A canção deixa um nó na garganta dos ouvintes, a compositora e cantora Adriana Calcanhotto (2020) deu letra e voz à revolta e indignação que ecoou em todo país, principalmente por retratar a realidade, os personagens da letra não são fictícios, são reais, assim como a dor da mãe, a impotência que de certa forma foi compartilhada com todos que viram, ouviram, leram sobre o menino Miguel que teve *O destino de Ícaro*.

A letra da canção *Novo Normal*, interpretada pela cantora Mart'nália, diferente das canções mencionadas anteriormente, foi composta em 2021. Esse aspecto por si já nos lança o sentimento de que a pandemia se estendeu muito mais do que se supunha. *E assim vão/ Mais de Nove meses/ E tal/ Que eu/ Tô ficando/ Sem poder sair/ E quando saio/ Eu não posso ficar/ À vontade/ Na minha cidade*.

Com leveza, ela nos remete a um tipo de “diário” que podemos chamá-lo de coletivo, a artista fala dos anseios para que a vida volte “ao normal”, as saudades, as angústias e como estamos lidando com essa situação, sem perder a esperança. A vida alterada e o fato de não se poder ir e vir como antes, aproveitar os espaços das cidades, divertimento, lazer, *Saudade daquele/ Nosso vai e vem/ Do oba oba,/ Olá tudo bem/ Do som dos carros/O barulho do trem.*” O desejo de voltar a sair de casa sem medo e protocolos, tal como antes da pandemia e *a máscara cair*.

O cantor e compositor Nando Reis (2020) também compôs uma canção que nos remete à pandemia, de uma forma mais sutil, diferente das letras citadas anteriormente, em *Espera a primavera* o autor nos lembra da importância de mantermos a esperança. Embora não seja uma

tarefa simples, a letra é como um afago contra o desânimo e traz a alusão à primavera como um tempo melhor e mais bonito que, por isso, vale a pena esperá-la. *Espera a primavera/ Se apronta que no fim das contas/Na outra ponta, vai ter alguém/ Pra lhe dar a mão.*

A canção de Nando Reis (2020) também alimenta uma projeção do futuro e dos encontros que acontecerão após a pandemia, quando as pessoas voltarem a sair, puderem estar juntas umas das outras, reforçando sempre o aspecto fundamental da letra que é a esperança. *Quando o sol de ouro/ Voltar a brilhar/ E o mundo todo em alvoroço/ Puder de novo se encontrar/ Vou te buscar em casa/ Vou acalmar sua aflição/ Vou te beijar, te abraçar/ E acender com meu fogo/O seu coração.*

O ano de 2021 também conta com lançamentos de álbuns e traz reflexões e percepções acerca da pandemia. Temos *Pelespírito* de Zélia Duncan (2021), com sensibilidade, a artista discorre sobre as incertezas, sobre as mudanças de humor e sentimentos, suas impressões, percepções e indagações.

Tô às vezes, tô nem tanto
Tô pra sempre nesse manto
Nesse mar salgado pelo meu suor
Tô melhor, tô pior
Tô puro sangue nessa lama
Tô chama, tô brasa que chora (DUNCAN; HOLANDA, 2021)

A canção mencionada tem o mesmo nome do álbum e em outro trecho a artista aproveita ainda para reforçar seu engajamento político e social que segue atenta aos acontecimentos mesmo dentro de casa, *Tô em casa, tô na causa/ Tô sem nada/ Longe de tudo/ E sem tirar os olhos do mundo!*

Outra composição que dialoga com a pandemia parte de uma indagação, *Onde é que isso vai dar?*, embora não se tenha uma resposta, o sentimento de incerteza e a sensação de estarmos perdidos diante de tantos acontecimentos políticos, sociais, ambientais que se agravaram em decorrência da pandemia, são compartilhados e provocam identificação, uma vez que a pandemia é uma vivência coletiva.

Um tema recorrente nas letras é a saudade, pois, com o isolamento social e todos os protocolos a serem seguidos, as pessoas deixaram de sair, encontrar a família, os amigos, tornando a saudade mais presente em suas vidas. Nesse aspecto Alceu Valença (2021) nos contempla com a canção *Saudade* que além de expressar tal sentimento, discorre sobre a experiência de estar “confinado”, das relações e lembranças estarem relacionadas a mensagens, vídeos, fotos.

Assim como Nando Reis (2020), Alceu Valença (2021) nos aponta um caminho de esperança e aponta ainda que, apesar da distância, não se perdeu o contato com as pessoas que são importantes e apesar da saudade, se faz importante seguir todos os protocolos. *Saudade de amigos/ Como eu confinados/ Que mesmo distantes/ Se encontram ao meu lado*. A letra traz ainda um olhar mais crítico em relação à sociedade, projetando um futuro mais próspero. *Projeto um planeta/ Mais civilizado/ Saúde, empatia/ Sem pobres coitados/ Mendigos de rua/ E desabrigados*.

Outra canção que versa/ faz refletir sobre as relações é *Esse amor chegou* interpretada por Roberta Sá (2021) que, juntamente com a artista, é composta por João Cavalcanti (2021), narra a história de um relacionamento amoroso dentro do contexto da pandemia. A canção retrata ainda o dia-a-dia na quarentena, o tédio, o cansaço, as notícias, cita ainda as *lives* muito difundidas, sendo um dos principais meios de entretenimento e lazer durante a pandemia. Eu tô aqui me aborrecendo com jornal/ Mudando de canal/ Buscando alguma paz/ [...] Eu tô aqui vendo outra live sem querer/ Falando com a TV/ Driblando a solidão.

O amor nesse caso traz força para o atravessamento desse difícil período, com todos os aspectos negativos citados, como a quantidade de notícias tristes, sempre há algum motivo para se nutrir mesmo que minimamente a ideia de melhores dias. Outro aspecto é que se trata de uma relação que é alimentada à distância, através dos recursos tecnológicos, como o celular, enfatizando a realidade imposta pela pandemia. *Esse amor chegou/ Não esquece aquela figurinha/ Qualquer mensagem já me acarinha/ E faz a fé nascer que o bom do mundo vai vencer/ Que o bom do mundo vai vencer*.

A canção *Respira* (2021) de Chico César e Zeca Baleiro, tal como indica o nome da letra, nos faz um convite para “respirar”, acalmar e acreditar no término da pandemia. A letra soa como um recurso motivacional para que quem esteja descrente e exausto não se deixe vencer, expressa o entendimento de que viver dentro da pandemia é demasiado árduo, mas indica que, ao respirar, se pode renovar as forças e voltar a ter uma melhor expectativa.

Não se renda não/ Vida sem razão, mentira/ Ande no pomar/ Que um dia em seu olhar florira/ Toda chuva um dia passa/ Veja na vidraça/ O sol a brilhar/ Sobre o ódio, a ira/ Respira, respira. A canção chama atenção para uma perspectiva mais positiva ao substituir os sentimentos negativos, para, dessa forma, manter a sanidade. *Não há mal que sempre dure/ Meu amor procure/ Apenas estar/ E não entrar na pira/ Respira, respira*.

Cabe ressaltar que, para além das letras mencionadas que foram compostas durante a pandemia, um outro movimento ocorreu, o da ressignificação de canções de outrora. Podemos citar dois exemplos: a música *A Cura* de Lulu Santos, do ano de 1988, ganhou uma nova versão

interpretada pelo cantor Vitor Kley (2021) que convidou o próprio Lulu Santos para uma participação; a letra originalmente foi escrita para outra pandemia, a do HIV nos anos 1980.

A canção se encaixou perfeitamente ao contexto da pandemia do Coronavírus, pois o desejo expresso na letra é o da cura, da esperança de tempos melhores, podemos verificar no trecho *Enquanto isso, não nos custa insistir/ Na questão do desejo, não deixar se extinguir/ Desafiando de vez a noção/ Na qual se crê que o inferno é aqui/ Existirá/ E toda raça então experimentará/ Para todo mal, a cura.*

Temos ainda a canção *Paciência* de Lenine (1999), uma das mais fundamentais e conhecidas de seu repertório, composta em parceria com Dudu Falcão (1999), a letra pode ser interpretada a partir de sua relação com o tempo, da importância de se valorizar a vida e os momentos que a compõe. Além disso, com o processo lento da vacinação, com o isolamento social que nos impede de realizar o que fazíamos antes da pandemia, sendo assim, ter paciência é significativo e sugestivo para tal momento. *A gente espera do mundo e o mundo espera de nós/ Um pouco mais de paciência* nos lembra ainda que a vida é tão rara e que temos de mais valor.

Em 2021, um dos DJs de maior expressividade da atualidade, o brasileiro Alok acrescentou uma sonoridade eletrônica à música de Lenine, promovendo assim a relação com a pandemia. Tanto a canção de Lenine quanto a de Lulu Santos apresentam a força de duas grandes canções da música brasileira e se afirmam enquanto letras atemporais.

Ao interpretar as letras, é possível observar que há aspectos comuns nas letras e percepções que mudam quando comparamos as composições de 2020 com as de 2021. Em *Nada* de Chico César (2020) retrata o começo da quarentena, o pedido de ficar em casa, apresenta o que se pode fazer dentro de casa, indica que não adianta querer viver como antes da pandemia, pois não seria possível, nesse sentido, o melhor é ter paciência e tentar aproveitar o tempo de alguma forma. Nesse momento ainda não se sabia a proporção da pandemia.

Passados alguns meses de pandemia *Inumeráveis* traz a realidade mais evidente, demonstra a quantidade de mortes pelo vírus e, nesse momento, podemos interpretar que estava no ápice da pandemia, ainda não se tinha perspectiva de vacinas, nem todos puderam ficar em isolamento social, havia também o negacionismo, a difusão de notícias falsas, o que dificultou ainda mais o controle da contaminação.

Ao verificarmos os apontamentos de Adriana Calcanhotto (2020), ainda são retratadas as ruas vazias, o sentimento de estarmos sós, questões sociais como o racismo e a desigualdade, não se tem ainda uma percepção de mudança da situação que está instaurada.

Quando nos deparamos com as letras de 2021, como *Novo normal*, interpretada por Mart'nália (2021), temos o cansaço, pois não se esperava que a pandemia pudesse durar tanto tempo, temos os desejo de voltar a sair, encontrar as pessoas e findar a saudade, como aponta Alceu Valença (2021). Por um lado, Zélia Duncan (2021) traz a incerteza de *Onde é que isso vai dar?*, e que continuamos sem saber, por outro, com a descobertas de vacinas contra o Coronavírus e a vacinação em curso, o que vemos em letras como *Respira*, de Chico César e Zeca Baleiro (2021), é o sentimento de que a realidade está se convertendo, embora se siga na pandemia, o cansaço é realidade, a letra pede para que não se desista, não se deixe vencer e provendo interação com *Paciência*, de Lenine e Falcão (1999), *A gente espera do mundo e o mundo espera de nós/ Um pouco mais de paciência*.

As canções também apontam que, apesar das dificuldades enfrentadas, as vidas perdidas, as perdas diversas, viu-se a música como acalanto, como indutora de momentos de leveza, de beleza, mesmo à distância, mesmo na solidão, mesmo assim, uma fonte de esperança e força

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As letras das músicas nos concedem subsídios para repercutir sobre as interações humanas que se limitam quase exclusivamente a acontecer de forma virtual, o quão importante são a cultura e arte para o atravessamento da pandemia, mesmo feitas de casa, de forma remota, são capazes de alcançar outras casas, tocar as pessoas e se fazerem resistentes e fundamentais para a vida humana.

Através da relação da música com os conceitos de representação e memória, observou-se as letras como uma das formas de representar a pandemia da COVID-19 que trouxe uma grande quantidade de mortes, estabeleceu uma longa crise sanitária e afetou a vida de pessoas em todo mundo. A partir das letras, é possível verificar as representações criadas por seus compositores e compositoras que se utilizam da música como forma de explicar e expressar o que ocorreu, criando também uma identificação com quem tem contato com tais letras.

Ao nos debruçarmos sobre as letras e ouvi-las também, nos traz a reflexão dos sentimentos e sensações vividas durante esse período, não apenas as situações, mas o que foi sentido, as dores, as alegrias, o cansaço, os desejos, assim, a música torna-se também um registro do estado emocional e psicológico daqueles que viveram esse tempo e, ao serem lidas e/ou ouvidas, tal vivência é compartilhada tanto com pessoas que estiveram presentes, quanto com pessoas que não viveram nesse período.

Nesse sentido, projetar para o futuro e tendo acesso a essas letras de música, temos um registro de memórias, ficando não apenas registrado na memória individual mas também na memória coletiva que poderão ser lidas, ouvidas e interpretadas no futuro por pessoas que não vivenciaram a pandemia da COVID-19. Pollak (1992) aponta que a memória ao ser compartilhada com indivíduos, grupos que não são de um mesmo tempo, podem se sentir pertencentes a essa memória coletiva, como se fosse uma espécie de herança; o autor considera que os acontecimentos são “vividos por tabela”, assim, as letras produzem registros de memória.

As letras escolhidas evidenciam e traduzem o que parte de nós sentimos e pensamos em relação aos desdobramentos causados pela pandemia, seja a experiência de ficar em casa durante a quarentena, seja a de lembrar a quantidade de vidas perdidas, abordar questões sociais, como a desigualdade social e, parafraseando a canção *Paciência* de Lenine e Falcão (1999), esperando a cura do mal e compartilhando desejo de toda a crise findar.

Pensando na relação da música com a pandemia, podemos compreendê-la como uma forma de se representar culturalmente, uma vez que as representações tratam da expressão de sentimentos, ideias e as formas de se perceber a pandemia através de um elemento cultural e, também, trata-se de memória, ao rememorar um acontecimento, um fato histórico a partir do que é escrito, interpretado e cantado.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL, 2020. **Sepultamento em tempos de covid-19 exige mudança de rituais.** Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-04/sepultamento-em-tempos-de-covid-19-exige-mudanca-de-rituais>> Acesso em: 14 de Abril de 2020.

ARAÚJO, Júlia Matias Carlos de. **ZEITGEIST E COMUNICAÇÃO: relações, influências e usos.** Brasília, 2015. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/12382/1/2015_JuliaMatiasCarlosdeAraujo.pdf> Acesso em: 14 de maio de 2022.

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: Leach, Edmund ET Alii. **Antropos-Homem.** Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BALEIRO, Zeca; CÉSAR, Chico. **Respira.** Disponível em: <<https://g.co/kgs/oTdkuh>> Acesso em: 21 de maio de 2021.

BESSA, Bráulio; CÉSAR, Chico, 2020. **Inumeráveis.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xTKk6N6h5vA>> Acesso em: 28 de Março de 2021.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia.** Lisboa: Fim de Século – Edições, Sociedade Unipessoal, LDA, 2003.

BUARQUE, Chico. **Sob pressão.** Disponível em: <<https://g.co/kgs/VfHa8d>> Acesso em: 10 de agosto de 2021.

CALABRE, Lia. **A arte e a cultura em tempos de pandemia: os vários vírus que nos assolam.** Extraprensa, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 7 – 21, jan./jun. 2020.

CALCANHOTTO, Adriana. **Ninguém na rua.** Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/adriana-calcanhotto/ninguem-na-rua/>> Acesso em: 08 de outubro de 2021.

CALCANHOTTO, Adriana. **O que temos.** Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/adriana-calcanhotto/o-que-temos/>> Acesso em: 08 de outubro de 2021.

CALCANHOTTO, Adriana. **2 de Junho.** Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/adriana-calcanhotto/2-de-junho/>> Acesso em: 04 de abril de 2020.

CAVALCANTI, João; SÁ, Roberta. **Esse amor chegou.** Disponível em: <<https://g.co/kgs/hC176y>> Acesso em: 06 de agosto de 2021.

CÉSAR, Chico. **Nada,** 2020. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/chico-cesar/nada/>> Acesso em: 18 de Março de 2021.

DUNCAN, Zélia; HOLANDA, Juliano. **Pelespírito.** Disponível em: <<http://www.zeliaduncan.com.br/letras/Pelespirito.pdf>> Acesso em: 15 de julho de 2021.

DUNCAN, Zélia; HOLANDA, Juliano. **Onde é que isso vai dar?.** Disponível em: <<http://www.zeliaduncan.com.br/letras/Pelespirito.pdf>> Acesso em: 15 de julho de 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio : Apicuri, 2016.

IPEA, **População em situação de rua cresce e fica mais exposta à Covid-19**, 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=35811> Acesso em: 22 de Março de 2021.

LENINE; FALCÃO, Dudu. **Paciência**. Na Pessão. São Paulo: BMG, 1999. CD. Faixa 03.

Citação no texto: (LENINE; FALCÃO, 1999).

LOLE, Ana; ALMEIDA, Carla Cristina Luma de; STAMPA, Inez; GOMES, Rodrigo Lima Ribeiro. **Crise e pandemia da COVID-19 - leituras interseccionais**. Editora MÓRULA, 2020.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, nº 15, agosto 2020. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/download/3123/2395>> Acesso em: 12 de maio de 2022.

MERITI, Serginho; PILARES, Xande de. **Novo normal**. Disponível em: <<https://g.co/kgs/3FzFRX>> Acesso em: 07 de agosto de 2021.

MERRIAM, Alan P. **The Anthropology of Music**. Evanston: Northwestern University Press, 1964.

MORAES, J. Jota de. **O que é música**. Editora Brasiliense. São Paulo, 1983.

NOGUEIRA, Monique Adries. A música e o desenvolvimento da criança. **Revista da UFG**, Vol. 5, No. 2, dez 2003. Disponível em: Acesso em: 27 de maio de 2018.

OPAS. **OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia**. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>> Acesso em: 19 de março de 2022.

ORTIZ, Renato. **Cultura e Desenvolvimento**, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autentica, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cultura e Representações, uma trajetória**. Anos 90, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p. 45-58, jan/dez. 2006.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

REIS, Nando. **Espera a primavera**. Disponível em: <<https://g.co/kgs/UgAaRR>> Acesso em: 09 de julho de 2021.

SANTOS, Lulu; KLEY, Vitor. **A cura**. Disponível em: <<https://g.co/kgs/DKYDFo>> Acesso em: 10 de dezembro de 2021.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye ; com a colaboração de Albert Riedlinger ; prefácio da edição brasileira Isaac Nicolau Salum ; tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. -- 27. Bd. -- São Paulo : Cultrix, 2006.

VALENÇA, Alceu. **Saudade**. Disponível em: <<https://g.co/kgs/wPVkDn>> Acesso em: 09 de julho de 2021.

ANEXO 1 - LETRAS DE MÚSICA

Nada (Chico César)

Amanhã não vai ter nada amada
Fique em casa e tome Sol
Se tiver casa e Sol
Que tal dance nua no quintal
Ponha a alma no varal
Guarde o verão em si

Amanhã não rola nada ainda
Fique linda pra você
Bela como a flor do ipê
Porque eu nem sei como dizer
Medo de fazer sofrer
Te querer longe de mim

Deixa que a saudade derreta
O asfalto e as antenas de TV
Deixa que a distância construa
As pontes de lembrar e esquecer

Deixa que a saudade derreta
O asfalto e as antenas de TV
Deixa que a distância construa
As pontes de lembrar e esquecer

Amanhã não vai ter nada amada
Nem praia nem futebol
Isso em si não é tão mal
Que tal bote um disco bem legal
Lembre o último carnaval
Outro ainda há de vir

Amanhã não rola nada baby
Cada qual com seu rolê
Tomar banho, cozinhar, ler
Vê, tanta coisa pra fazer
E se a gente não fizer
Nem por isso vai morrer

Deixa que a saudade derreta
O asfalto e as antenas de TV
Deixa que a distância construa
As pontes de lembrar e esquecer

Deixa que a saudade derreta
O asfalto e as antenas de TV

Deixa que a distância construa
As pontes de lembrar e esquecer

Inumeráveis (Braúlio Bessa/ Chico César)

Andre Cavalcante era professor
amigo de todos e pai do Pedrinho.
O Bruno Campelo seguiu seu caminho
Tornou-se enfermeiro por puro amor.
Já Carlos Antônio, era cobrador
Estava ansioso pra se aposentar.
A Diva Thereza amava tocar
Seu belo piano de forma eloquente
Se números frios não tocam a gente
Espero que nomes consigam tocar.

Elaine Cristina, grande paratleta
fez três faculdades e ganhou medalhas
Felipe Pedrosa vencia as batalhas
Dirigindo Uber em busca da meta.
Gastão Dias Junior, pessoa discreta
na pediatria escolheu se doar
Horácia Coutinho e seu dom de cuidar
De cada amigo e de cada parente.
Se números frios não tocam a gente
Espero que nomes consigam tocar.

Iramar Carneiro, heroi da estrada
foi caminhoneiro, ajudou o Brasil.
Joana Maria, bisavó gentil. E Katia Cilene
uma mãe dedicada.

Lenita Maria, era muito animada
baiana de escola de samba a sambar
Margarida Veras amava ensinar
era professora bondosa e presente.
Se números frios não tocam a gente
Espero que nomes consigam tocar.

Norberto Eugênio era jogador
piloto, artista, multifuncional.
Olinda Menezes amava o natal.
Pasqual Stefano dentista, pintor
Curtia cinema, mais um sonhador
Que na pandemia parou de sonhar.
A vó da Camily não vai lhe abraçar

com Quitéria Melo não foi diferente.
Se números frios não tocam a gente
Espero que nomes consigam tocar.

Raimundo dos Santos, um homem
guerreiro
O senhor dos rios, dos peixes também
Salvador José, baiano do bem
Bebia cerveja e era roqueiro.
Terezinha Maia sorria ligeiro
cuidava das plantas, cuidava do lar
Vanessa dos Santos era luz solar
mulher colorida e irreverente.
Se números frios não tocam a gente
Espero que nomes consigam tocar.

Wilma Bassetti vó especial
pra netos e filhos fazia banquete.
Yvonne Martins fazia um sorvete
Das mangas tiradas do pé no quintal
Zulmira de Sousa, esposa leal
falava com Deus, vivia a rezar.
O X da questão talvez seja amar
por isso não seja tão indiferente
Se números frios não tocam a gente
Espero que nomes consigam tocar.

Sob Pressão (Chico Buarque)

Falta de ar nos gemidos dos ais
A febre, seus fantasmas, seus terrores
Sem pressa, passo a passo, mais e mais
A besta avança pelos corredores
O médico caminha com cautela
Estuda as artimanhas do inimigo
A enfermeira brava vence o medo
Pouco lhe importa a extensão do perigo
O mundo está azaranza, ao Deus dará
O povo não se entrega é cabra cega
É lá e cá sem lei, sem mais aviso
Só sei que é preciso acreditar
Fazemos todos parte desta história
Mesmo que os tontos blefem com a morte
Num jogo de verdades e mentiras
Um jogo duplo de azar e sorte
A ciência abre as suas asas
A esperança à frente como um guia
Com São João na reza, a pajelança
A intervenção de Xangô na magia

Neste canto aqui da poesia
Casa da fantasia e da razão
Abre-se a porta e entra um novo dia
Pela janela adentro um coração
A voz de um barco à bordo da alvorada
O sol da aurora secando o pulmão
Ano passado se eu morri na estrada
Vai que esse ano não morro mais não
É pra montar no lombo da toada
Desembarcar do trem da pandemia
É pra fazer da rima arredondada
O rompante final de uma alegria
Vamos em frente amigo, vamos embora
Vamos tomar aquela talagada
Vamos cantar que a vida e só agora
E se eu cantar amigo a vida é nada

Ninguém na Rua (Adriana Calcanhotto)

Céu preto inteiro antes da uma
Ninguém na rua, nem mesmo a luz da lua
Eu e você no pensamento
Eu e você no batidão do peito
Céu preto inteiro antes da uma
Ninguém na rua, nem mesmo a luz da lua
Eu e você no pensamento
Eu e você no batidão do peito
Sua beleza passando, passando na cabeça
Como as estrelas passando
Ainda que amanheça
Céu preto inteiro antes das duas
Ninguém na rua, nem mesmo a luz da lua
Eu e você no pensamento
Eu e você no batidão do peito
Eu e você no pensamento
Eu e você na imaginação

O que temos (Adriana Calcanhotto)

Deixa eu te espiar
Finge que não vê
O que temos são janelas
Deixa eu te espiar
Finge que não vê
O que temos são janelas
Em tempos de quarentena
Nas sacadas, nos sobrados
Nós estamos amontoados e sós
Em tempos de quarentena
Nas sacadas, nos sobrados

Nós estamos amontoados e sós
 O que temos são janelas
 O que temos são janelas
 Deixa eu te espiar
 Finge que não vê
 O que temos são janelas
 Em tempos de quarentena
 Nas sacadas, nos sobrados
 Nós estamos amontoados e sós
 O que temos são janelas
 O que temos são janelas
 O que temos são janelas
 O que temos são janelas

2 de Junho (Adriana Calcanhotto)

No país negro e racista
 No coração da América Latina
 Na cidade do Recife
 Terça feira 2 de junho de dois mil e vinte
 Vinte e nove graus Celsius
 Céu claro
 Sai pra trabalhar a empregada
 Mesmo no meio da pandemia
 E por isso ela leva pela mão
 Miguel, cinco anos
 Nome de anjo
 Miguel Otávio
 Primeiro e único
 Trinta e cinco metros de voo
 Do nono andar
 Cinquenta e nove segundos antes de sua
 mãe voltar
 O destino de Ícaro
 O sangue de preto
 As asas de ar
 O destino de Ícaro
 O sangue de preto
 As asas de ar
 No país negro e racista
 No coração da América Latina

Novo Normal (Serginho Meriti/ Xande de Pilares)

E assim vão
 Mais de
 Nove meses
 E tal
 Que eu

Tô ficando
 Sem poder sair
 E quando saio
 Eu não posso ficar
 À vontade
 Na minha cidade
 Saudade daquele
 Nosso vai e vem
 Do oba oba,
 Olá tudo bem
 Do som dos carros
 O barulho do trem
 De chegar,
 Abraçar e beijar
 Sem levar e deixar,
 Viralizando bem
 Eu tô trancado
 Em casa
 Olhando da
 Minha janela
 E não vejo
 Ninguém
 Não vejo a hora
 Do mal ir embora
 E a gente sair
 Meter a cara
 No mundo
 E da cara
 Do mundo
 A máscara cair
 Tá todo
 Mundo
 Vivendo
 Na mesma
 Na sala,
 Na cela
 Na minha,
 Na dele
 Na sua,
 Na dela
 Nossa liberdade
 Condicional
 Porque no fundo,
 No fundo,
 No fundo
 No fundo
 Do peito
 Eu quieto,
 Eu acato
 O oculto

Respeito
 às regras,
 As normas
 Do novo
 Normal
 Tô louco
 Pra sair
 Desse sufoco
 Tô maluco
 Pra parar
 No bar
 Encontro combinado
 Na esquina
 Não combina
 Pra que
 Combinar
 Agora o
 Combinado
 É cada um
 No seu quadrado
 Sem
 Aglomerar
 Melhor andar
 Com fé
 Que a fé
 Não costuma
 Faiá
 E assim vão
 Mais de
 Nove meses
 E tal
 Que eu
 Tô ficando
 Sem poder sair
 E quando saio
 Eu não posso ficar
 À vontade
 Na minha cidade
 Saudade daquele
 Nosso vai e vem
 Do oba oba,
 Olá tudo bem
 Do som dos carros
 O barulho do trem
 De chegar,
 Abraçar e beijar
 Sem levar e deixar,
 Viralizando bem
 Eu tô trancado
 Em casa

Olhando da
 Minha janela
 E não vejo
 Ninguém
 Não vejo a hora
 Do mal ir embora
 E a gente sair
 Meter a cara
 No mundo
 E da cara
 Do mundo
 A máscara cair
 Tá todo
 Mundo
 Vivendo
 Na mesma
 Na sala,
 Na cela
 Na minha,
 Na dele
 Na sua,
 Na dela
 Nossa liberdade
 Condicional
 Porque no fundo,
 No fundo,
 No fundo
 No fundo
 Do peito
 Eu quieto,
 Eu acato
 O oculto
 Respeito
 às regras,
 As normas
 Do novo
 Normal
 Tô louco
 Pra sair
 Desse sufoco
 Tô maluco
 Pra parar
 No bar
 Encontro combinado
 Na esquina
 Não combina
 Pra que
 Combinar
 Agora o
 Combinado

É cada um
 No seu quadrado
 Sem
 Aglomerar
 Melhor andar
 Com fé
 Que a fé
 Não costuma
 Faiá
 Tô louco
 Tô louco
 Pra sair
 Desse sufoco
 Tô maluco
 Pra parar
 No bar
 Encontro combinado
 Na esquina
 Não combina
 Pra que
 Combinar
 Agora o
 Combinado
 É cada um
 No seu quadrado
 Sem
 Aglomerar
 Melhor andar
 Com fé
 Que a fé
 Não costuma
 Faiá
 Axé!

Espera a primavera (Nando Reis)

Todo amor encontra um lugar
 Seja onde for, custe o que custar
 É só se dispor, se libertar
 Sem nenhum pudor, sonhar e desejar
 Sem regra e nem trégua
 Sem régua ou comparação
 Espera a primavera
 Se apronta que no fim das contas
 Na outra ponta, vai ter alguém
 Pra lhe dar a mão
 Todo amor existe no ar
 É multicolor, é primordial
 Não dá pra impor, nem pra controlar
 Nenhum extintor vai apagar ou debelar

Sem regra e nem trégua
 Sem régua ou comparação
 Espera a primavera
 Se apronta que no fim das contas
 Na outra ponta, vai ter alguém
 Pra lhe dar a mão
 Quando o sol de ouro
 Voltar a brilhar
 E o mundo todo em alvoroço
 Puder de novo se encontrar
 Vou te buscar em casa
 Vou acalmar sua aflição
 Vou te beijar, te abraçar
 E acender com meu fogo
 O seu coração
 Todo amor encontra um lugar
 Seja onde for, custe o que custar
 Sem regra e nem trégua
 Sem régua ou comparação
 Espera a primavera
 Se apronta que no fim das contas
 Na outra ponta, vai ter alguém
 Pra lhe dar a mão
 Quando o sol de ouro
 Voltar a brilhar
 E o mundo todo em alvoroço
 Puder de novo se encontrar
 Vou te buscar em casa
 Vou acalmar sua aflição
 Vou te beijar, te abraçar
 E acender com meu fogo
 O seu coração
 Quando o sol de ouro
 Voltar a brilhar
 E o mundo todo em alvoroço
 Puder de novo se encontrar
 Vou te buscar em casa
 Vou acalmar sua aflição
 Vou te beijar, te abraçar
 E acender com meu fogo
 O seu coração
 O seu coração
 O seu coração

Pelespírito (Zélia Duncan/ Juliano Holanda)

Tô pele e espírito
 Tô por um fio dessa minha blusa

Tô musa, tô muda
 Tô nadando de braçada nas palavras
 Tô às vezes, tô nem tanto
 Tô pra sempre nesse manto
 Nesse mar salgado pelo meu suor
 Nesse mar salgado pelo meu suor
 Tô melhor, tô pior
 Tô puro sangue nessa lama
 Tô chama, tô brasa que chora
 Meu corpo chega
 Meu corpo vai embora
 Pele e espírito
 Me olha que eu sinto
 Me toca, eu não minto
 Tô em casa, tô na causa
 Tô sem nada
 Longe de tudo
 E sem tirar os olhos do mundo
 Tô chama, tô brasa que chora
 Meu corpo chega
 Meu corpo vai embora
 Pele e espírito
 Me olha que eu sinto
 Me toca, eu não minto
 Tô em casa, tô na causa
 Tô sem nada
 Longe de tudo
 E sem tirar os olhos do mundo
 Tô em casa, tô na causa
 Tô sem nada
 Longe de tudo
 E sem tirar os olhos do mundo
 Sem tirar os olhos do mundo
 E sem tirar os olhos do mundo

**Onde é que isso vai dar? (Zélia Duncan/
Juliano Holanda)**

Te digo o mesmo, você me provoca
 E eu adoro desafios
 Ando sensível, coração na boca
 Na varanda a ver navios
 Te digo o mesmo, isso me transforma
 O que me apavora é o olhar vazio
 Acordo cedo, palavra solta
 Mal lavei o rosto
 E a canção brinca na boca
 'Tava precisando de fogo
 Pra acender a madrugada
 Vamos nos jogar no mundo

Obrigada por mais essa
 Nossa vida anda com pressa
 Mas prefiro perguntar
 Onde é que isso vai dar?
 Como é que isso vai ser?
 Porque estamos sem saber
 Onde é que isso vai dar?
 Como é que isso vai ser?
 Te digo o mesmo, você me provoca
 E eu adoro desafios
 Ando sensível, coração na boca
 Na varanda a ver navios
 Te digo o mesmo, isso me transforma
 O que me apavora é o olhar vazio
 Acordo cedo, palavra solta
 Mal lavei o rosto
 E a canção brinca na boca
 'Tava precisando de fogo
 Pra acender a madrugada
 Vamos nos jogar no mundo
 Obrigada por mais essa
 Nossa vida anda com pressa
 Mas prefiro perguntar
 Onde é que isso vai dar?
 Como é que isso vai ser?
 Porque estamos sem saber
 Onde é que isso vai dar?
 Como é que isso vai ser?
 Porque estamos todos sem saber
 Onde é que isso vai dar?
 Como é que isso vai ser?

Saudade (Alceu Valença)

Saudade da estrada
 Saudade da rua
 Saudade do Sol
 Saudade da Lua
 Ê saudade
 Saudade de amigos
 Como eu confinados
 Que mesmo distantes
 Se encontram ao meu lado
 Ô saudade
 São vídeos, lembranças
 Mensagens, recados
 Retratos de um álbum
 Já tão desbotado
 Ê saudade
 Meu bem me acalma

Respiro o agora
 Esqueço o passado
 Os meses e as horas
 Xô saudade
 Projeto um planeta
 Mais civilizado
 Saúde, empatia
 Sem pobres coitados
 Mendigos de rua
 E desabrigados
 Saudade da estrada
 Saudade da rua
 Saudade do Sol
 Saudade da Lua
 Ô saudade
 Saudade de amigos
 Como eu confinados
 Que mesmo distantes
 Se encontram ao meu lado
 Xô saudade
 São vídeos, lembranças
 Mensagens, recados
 Retratos de um álbum
 Já tão desbotado
 Ê saudade
 Meu bem me acalma
 Respiro o agora
 Esqueço o passado
 Os meses e as horas
 Ô saudade
 Projeto um planeta
 Mais civilizado
 Saúde, empatia
 Sem pobres coitados
 Mendigos de rua
 E desabrigados
 Mendigos de rua
 E desabrigados

Esse amor chegou (Roberta Sá/João Cavalcanti)

Eu tô aqui me aborrecendo com jornal
 Mudando de canal
 Buscando alguma paz
 E de repente um pensamento me distrai
 Eu tento disfarçar
 E já não posso mais
 Esse amor chegou
 E ameniza o horror que a gente vive

Meu sonho agora é te ver bem livre
 Pra gente ser feliz como merece
 Esse amor chegou
 E não esquece aquela figurinha
 Qualquer mensagem já me acarinha
 E faz a fé nascer
 Que o bom do mundo vai vencer
 Eu tô aqui vendo outra live sem querer
 Falando com a TV
 Driblando a solidão
 Tentando em vão achar aquele manual
 Que ensine, afinal
 A usar o coração
 Esse amor chegou
 E ameniza o horror que a gente vive
 Meu sonho agora é te ver bem livre
 Pra gente ser feliz como merece
 Esse amor chegou
 E não esquece aquela figurinha
 Qualquer mensagem já me acarinha
 E faz a fé nascer
 Que o bom do mundo vai vencer
 Que o bom do mundo vai vencer

Respira (Chico César/ Zeca Baleiro)

Não se entregue não
 Ainda tem chão, respira
 Sei que falta ar
 Mas de algum lugar, a gente tira
 Não há mal que sempre dure
 Meu amor procure
 Apenas estar
 E não entrar na pira
 Respira, respira
 Não se renda não
 Vida sem razão, mentira
 Ande no pomar
 Que um dia em seu olhar florira
 Toda chuva um dia passa
 Veja na vidraça
 O sol a brilhar
 Sobre o ódio, a ira
 Respira, respira
 Nada terminou
 Nunca termina
 A sombra ilumina
 A luz que apagou
 Nada terminou
 Nunca termina

A sombra ilumina
 A luz que apagou
 Não se renda não
 Vida sem razão, mentira
 Ande no pomar
 Que um dia em seu olhar florira
 Toda chuva um dia passa
 Veja na vidraça
 O sol a brilhar
 Sobre o ódio, a ira
 Respira, respira
 Nada terminou
 Nunca termina
 A sombra ilumina
 A luz que apagou

A Cura (Lulu Santos)

Existirá, em todo porto tremulará
 A velha bandeira da vida
 Acenderá, todo farol iluminará
 Uma ponta de esperança
 E se virá, será quando menos se esperar
 Da onde ninguém imagina
 Demolirá toda certeza vã
 Não sobrará pedra sobre pedra
 Enquanto isso, não nos custa insistir
 Na questão do desejo, não deixar se
 extinguir
 Desafiando de vez a noção
 Na qual se crê que o inferno é aqui
 Existirá
 E toda raça então experimentará
 Para todo mal, a cura
 Existirá, em todo porto se hasteará
 A velha bandeira da vida
 Acenderá, todo farol iluminará
 Uma ponta de esperança
 E se virá, será quando menos se esperar
 Da onde ninguém imagina
 Demolirá toda certeza vã
 Não sobrará pedra sobre pedra
 Enquanto isso, não nos custa insistir
 Na questão do desejo, não deixar se
 extinguir
 Desafiando de vez a noção
 Na qual se crê que o inferno é aqui
 Existirá
 E toda raça então experimentará
 Para todo mal, a cura

Enquanto isso, não nos custa insistir
 Na questão do desejo, não deixar se
 extinguir
 Desafiando de vez a noção
 Na qual se crê que o inferno é aqui
 Existirá
 E toda raça então experimentará
 Para todo mal, a cura

Paciência (Lenine/ Dudu Falcão)

Mesmo quando tudo pede um pouco mais
 de calma
 Até quando o corpo pede um pouco mais
 de alma
 A vida não para
 Enquanto o tempo acelera e pede pressa
 Eu me recuso faço hora vou na valsa
 A vida tão rara
 Enquanto todo mundo espera a cura do mal
 E a loucura finge que isso tudo é normal
 Eu finjo ter paciência
 E o mundo vai girando cada vez mais
 veloz
 A gente espera do mundo e o mundo
 espera de nós
 Um pouco mais de paciência
 Será que é o tempo que lhe falta pra
 perceber
 Será que temos esse tempo pra perder
 E quem quer saber
 A vida é tão rara, tão rara
 Mesmo quando tudo pede um pouco mais
 de calma
 Até quando o corpo pede um pouco mais
 de alma
 Eu sei, a vida não para
 A vida não para não
 A vida não para não